

O PANORAMA.

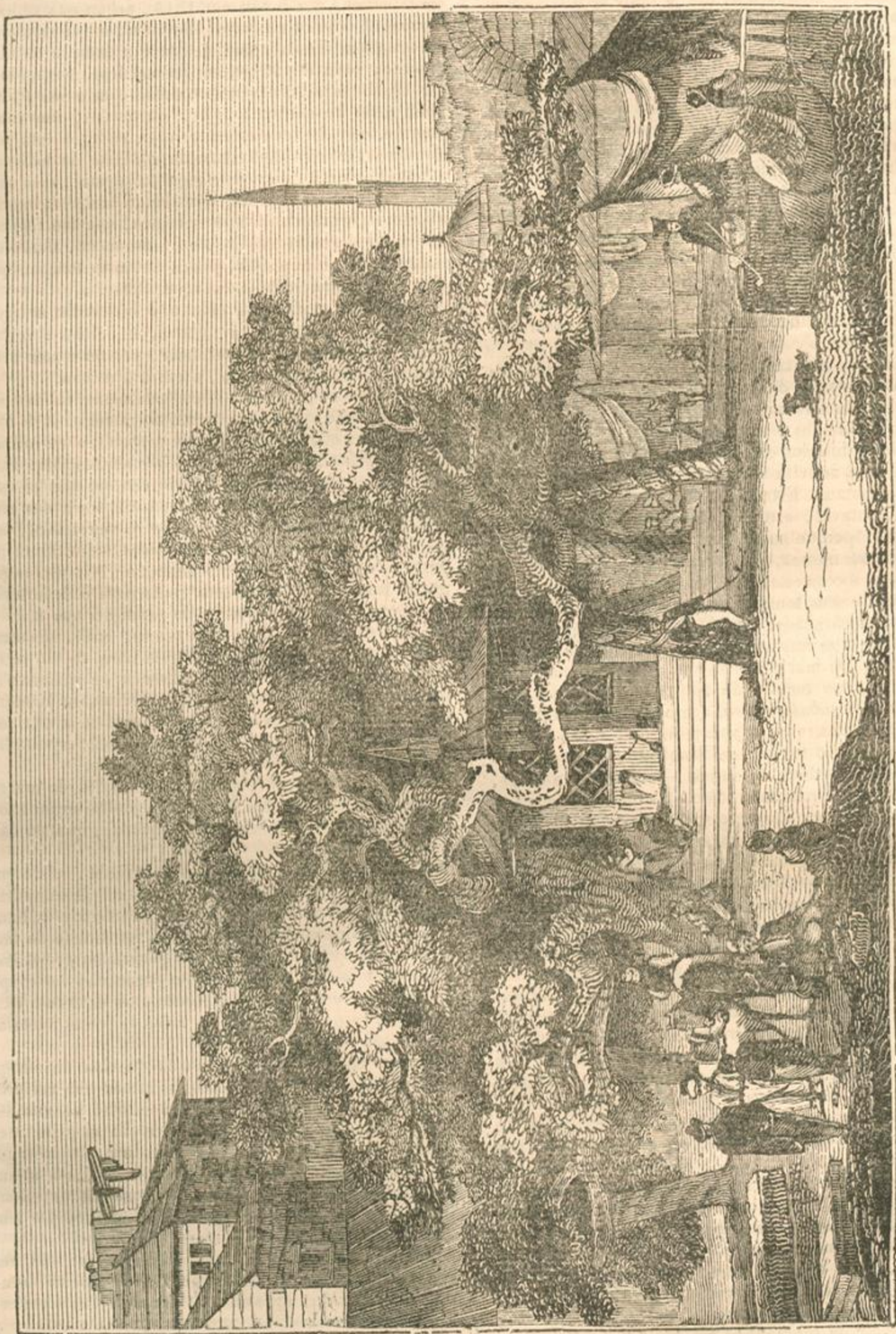
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

23.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

OUTUBRO 7, 1837.



MERCADO DE COS.

ILHA DE CÓS, OU STANCHO.

Esta ilha é uma das importantes do Archipelago da Grecia, e seria a mais fertil se fosse bem cultivada. Tem 10 legoas de comprido por 4 de largo: a ponta mais ao norte apenas dista 4 milhas inglezas da costa d'Anatolia.

A moderna cidade é pobre e miseravel; repetidos terremotos, e inundações, até já neste seculo, a tem arruinado. Mas não tanto aos insultos da natureza como ao pessimo governo dos turcos deveremos attribuir o estado lastimoso, a que chegou. As ruas são estreitas, mal calçadas, e immundas; e raras casas tem vidraças. Depois da revolução contra os turcos em lugar de melhorar tem peiorado.

Esta ilha, que hoje se denomina Stancho, foi muito conhecida na antiguidade com o nome de Cós, não só pela bondade do seu territorio, como por ter sido a patria de dois homens celebres, cujos nomes ainda hoje designam a excellencia por antonomasia, em suas respectivas profissões. Foi um Hippocrates, o pai da medicina, e outro o insigne pintor Apelles. O primeiro floreceu pelos fins do quinto seculo antes da era christã; e o segundo viveu depois, no tempo de Alexandre Magno.

Os antigos habitantes assentavam que a sua ilha era consagrada ao deus da Medicina, Asclepios, segundo lhe chamavam os Gregos, ou Esculapio, conforme os Romanos e nós (seguindo estes) lhe chamamos. Nos suburbios da cidade de Cós havia um templo dedicado áquella divindade, do qual hoje nenhuns vestigios restam. Estrabão o menciona como excessivamente notavel, e muito abundante em offertas, e promessas; porque os pagãos usavam muito offerer donativos aos nunes, que pertendiam lhes fossem propicios, e os soccorressem; e penduravam nas columnas e paredes de seus templos votos, como á sua imitação praticam os christãos, isto é, figuras, e paineis com inscrições, que referiam o perigo ou desastre, de que escaparam. Os maritimos salvos de algum naufragio penduravam no templo de Neptuno os vestidos molhados com a *tabula votiva*, como diz Horacio, representando, e descrevendo as circumstancias do perigo. Por esta razão o templo de Esculapio, que era reverenciado como deus da saúde, e da arte de curar, abundava em riquissimas offertas, e innumeraveis testemunhos de casos da recuperação da saúde dos devotos, a quem a natureza, ou o facultativo fez o milagre, e o idolo extorquiu a remuneração.

Permittiam aos doentes dormir debaixo do portico, e no interior do templo, e suppunham que em sonhos lhes communicava o nume os remedios, que fariam para recobrar a saude. As inscrições, que acompanhavam os votos, ou milagres, faziam sempre menção dos remedios. Diz-se que Hippocrates, colligindo a totalidade dos casos, que se liam no famoso templo da sua patria, os aproveitara para converter em regras fixas a prática da arte de curar. Plínio refere que elle as copiara, e que depois tendo-se queimado o templo, instituíra com taes bases o systema da Medicina clinica, ou prática. Portanto esta sciencia derivou-se do mero empyrismo aproveitado, e posto em ordem por um talento extraordinario.

Ainda permanece uma recordação curiosa daquelle homem illustre em seu paiz natal: a tres milhas distante da praia existe uma fonte, chamada de Hippocrates, que abastece d'agua a cidade de Cós. É uma caverna, para onde se entra por uma passagem arqueada, que dá serventia para um quarto d'abobada, com uma abertura no alto, donde recebe ar, e luz, da superficie da montanha, em que é feita esta excavação. A agua é quente na nascença, parece ferrea,

e jorra com força para um tanque pequeno: vem para a cidade por um encanamento coberto de telha, e pedra; corre com rapidez, e quando chega ao chafariz é fria, e fresca.

O objecto mais notavel, que ha em toda a ilha, é a praça do mercado na cidade com o seu afamado plátano, como representa a nossa gravura. Aquella arvore passa por ser a maior do mundo na sua especie. Turner, que a viu em 1815, achou que tinha o tronco 50 palmos em circumferencia, e que os ramos se estendem da extremidade de um lado á do lado opposto, obra de 37 passos geometricos. Segundo o Dr. Clarke esta grande arvore cobre com a sua folhagem mais de quarenta lojas, ou tendas; um ramo enorme, que chegava quasi ao mar, caiu; e esta perda diminuiu consideravelmente o effeito da belleza, e tamanho prodigioso deste gigante vegetal; mas ainda assim causa assombro, estendendo horisontalmente a pasmosa distancia os outros ramos, que são espécados com pilares de granito, e de marmore, tirado da mesma ilha, e que estão postos ha tanto tempo, que já a cortiça crescendo encabeçou nelles.

O melhor edificio da cidade é o castello antigo; está situado na ponta occidental, é bello, e vasto, posto que de pouca importancia, por ter pouca artilheria, e essa desmontada, e em má ordem.

O porto (ou, para mais correctamente fallarmos, os restos d'elle) jaz ao occidente do castello. É de fórma circular com o diametro de um oitavo de milha. Na antiguidade recebia grandes embarcações, mas hoje está muito entulhado, e tão estreito que só entram as canoas, e pequenos barcos de pesca dos gregos. É tradição geral no paiz que os venezianos, antes de entregarem a cidade aos turcos, sepultaram no porto as suas riquezas; e no anno de 1801 um engenheiro sueco se offereceu com gente para o desentupir á sua custa, debaixo porém de condição que tudo o que se achasse seria seu. Os turcos, então senhores da ilha, recusaram assentir a uma obra de tão reconhecida utilidade, só pela lembrança de passarem a mãos estranhas os thesouros, que acreditavam fazerem no fundo do porto. A este respeito contam muita patranha, e entre outras dizem que alli estão sepultadas quatro peças de artilheria, todas de ouro.

Para supprirem de algum modo a falta do antigo porto, fabricaram uma especie de mólhe acanhado, onde se recolhem embarcações pequenas, quando não sopra vento norte.

A superficie desta ilha é muito variada, offerecendo aos olhos uma combinação agradável de campinas apraziveis com formosos outeiros, guarnecida da banda do sul com serras empinadas. A fertilidade do terreno foi sempre mui notavel. O geographo grego Estrabão diz que era summamente productiva no tempo de Augusto; e os escriptores venezianos do seculo 17.^o a pintam couro abundante de todas as coisas necessarias á vida humana.

Porém actualmente está muito decaída da antiga prosperidade, e já de ha muitos annos que vai progressivamente peiorando. Junto á capital ha grandes pomares de laranja, e limão, que são os principaes generos d'exportação da ilha para todo o Archipelago. Produz tambem figos, romãs, e melões, em abundancia, e de sabor delicioso. As uvas são excellentes, e geralmente servem para vinho, que sempre tem tido fama.

Infunde realmente melancholia, e entristece ver que um territorio tão famoso, e tão largamente dotado pela natureza, apresenta por desmazelo, e por erros governativos, o espantoso quadro de miseria, a que está reduzido. Turner a caracteriza como a ilha mais cheia de penuria de quantas viu pelo Archipela-

go, exceptuando Chypre: e se as relações de outros viajantes nos não dessem igual testemunho, bastaria para o comprovar o progresso da sua despovoação. Antigamente os seus habitantes andavam por 20:000 almas; no fim do século passado já este numero estava reduzido a metade. Ha vinte annos não passavam de 8:000, distribuidos desta fórma: 5:000 turcos, 3:000 gregos, e talvez 50 judeus. Segundo as ultimas informações actualmte terá umas 4:000 almas. As causas principaes desta diminuição são — a peste, que por vezes tem levado o terço dos habitantes — as prolongadas, e devastadoras guerras com os turcos — e a perda, que a emigração occasiona por falta de recursos.

UM INGRATO.

ELREI Renato é o Arun-al-Raschid da Provença, e do 15.º século. Lançado desde que nascera, como o heroe das Mil e uma Noites, n'um turbilhão de aventuras, tinha tambem, para tornar mais completa a pareença, um confidente ou Giafar, socio em todas as suas correrias. Era este João Cossa, inseparavel companheiro do rei desde o seu nascimento, assim na prospera como na adversa fortuna, o qual tanto amava Renato, que apesar da superioridade do seu entendimento, não tinha o necessario desembaraço para oppôr conselhos prudentes aos caprichos do velho, contra quem a fortuna se mostrára sempre tão rigorosa.

Renato era pai infeliz, e monarcha desditoso. Expulso do throno por Luiz XI viu morrer o duque de Anjou, seu filho primogenito, no meio dos brilhantes triumphos, que acabava de alcançar em Barcelona contra os inimigos de seu pai. Nicolau d'Anjou, sua irmã Yolanda, e o esposo desta, seguiram de perto Antonio á sepultura; e bem notorios são os infortunios de Margarida, filha mais velha de Renato, e esposa de Henrique VI, a qual depois de ter, graças ao seu valor, restabelecido por duas vezes no throno, aquelle principe cobarde e despresivel, o viu a final expirar com seu filho, e se retirou para França, pobre e desamparada, *para alli morrer*, diz Voltaire, *como a rainha, a esposa, e a mãe mais desgraçada.*

Uma tarde que o idoso monarcha, para distrahir o espirito de tão amargas recordações, saíra com o seu fiel João Cossa em busca de alguma aventura interessante, quando já voltavam ambos tristes e enojados, por não terem encontrado coisa que lhe excitasse a attenção, ouviram lamentar-se com azedume um pobre camponez.

— Oh! clamava elle, quanto sou infeliz, pois me vejo forçado a morrer de fome por falta de trabalho! Virgem sancta, fazei com que eu ganhe com o suor do meu rosto, e pelo trabalho dos meus braços, um salario certo, e eu me julgarei o mais feliz dos homens.

— Serão satisfeitos os teus desejos, diz repentinamente o rei, saindo de traz da mouta onde se escondêra. Serás um dos jardineiros do meu palacio. Eu sou elrei Renato; acompanha-me.

O camponez, que se chamava Claudio Fayolle, seguiu o rei.

Passado um mez, moveu a elrei a curiosidade de tornar a ver Claudio Fayolle; e descendo para esse fim aos seus jardins encontrou o jardineiro cheio de tristeza, encostado á sua enxada, e engolfado em meditações.

— Em que pensas? perguntou o rei, batendo-lhe no hombro.

— Ah! senhor, nunca ousarei revela-lo, balbuciou Claudio, córando.

— Falla, falla livremente, meu filho.

— Pois, senhor, já que o exigis, dir-vos-hei que amo uma rapariga, e que por ser muito pobre não posso casar com ella.

— De que somma careces?

— De cem escudos.

— Aqui tens uma ordem para que o meu thesoureiro te pague essa quantia.

E elrei voltou para o seu palacio, alegre, esfregando as mãos, e pensando que acabava de fazer um homiem feliz. Claudio tem uma subsistencia certa e commoda, e é marido d'uma mulher linda, dizia Renato consigo mesmo. Aposto que tão cedo não torna elle a appetecer coisa alguma; porém d'ahi a dois mezes viu, com grande pasmo seu, que Claudio iustava por fallar-lhe. Claudio que depressa se affizera ao tracto da cõrte já não era aquelle acanhado camponez que córava, quando elrei o inquiria.

— Que pertendes, Claudio?

— Senhor, o logar de primeiro jardineiro ha de infallivelmente vagar com brevidade, porque quem o exerce está velho e doente. Venho pedir-vos esse emprego.

Elrei carregou o sobrolho.

— Claudio, desagrada-me esse pedido, porque aborreço os ambiciosos, mórmente quando requerem empregos alheios.

— Não é isso, senhor, o que eu quiz dizer, exclamou o jardineiro. Deus não permitta que a ambição penetre no meu coração, e que eu venha pedir o logar de outrem. Como serei pai dentro de poucos dias, e devo prover na futura subsistencia da minha familia, para não ser previnido por outros concurrentes, venho sómente pedir-vos a supervivencia do dicto logar, sem querer desaccommodar quem o occupa, — que é um homem honrado e benemerito, que eu amo como a pai.

Deixou-se elrei convencer por estas tão enganosas palavras, e tendo quatro dias depois fallecido o jardineiro velho, obteve Claudio o logar que tanto desejava.

Em fim, Claudio alcançou successivamente, no periodo de poucos annos, os cargos de subintendente do palacio, de intendente geral, e de secretario intimo d'elrei; porque, esporeado pela ambição, se havia dado incansavelmente ao estudo, e tinha adquirido os conhecimentos que lhe faltavam, e eram indispensaveis para levar ao cabo os seus projectos ambiciosos. Andando desde então sempre ao lado d'elrei, valeu-se Claudio de toda a sua astucia e dobrez para medrar em valimento, e empregou todos os meios para conservar afastados do throno os mais zelosos servos de Renato. Caiu este no laço, e deixou-se subjugar pelo novo valido, sem lhe passar pela idéa o quanto mortificava João Cossa, e o fiel João Binée: João Binée que um dia lhe respondêra: *Senhor, não tenho os requisitos necessarios para o emprego que me offerceis, e para desempenha-lo como é mister.*

Desterrados havia muito da cõrte, causaram esparto a elrei, quando voltando ambos á sua presença, lhe pediram uma audiencia secreta.

Senhor, lhe disseram elles, tramam em França contra a vossa pessoa. Luiz XI não contente com despojar-vos de parte dos vossos dominios, inveja ainda o resto, e comprou traidores para vos entregarem a elle, quando ámanhã andardes á caça. Se não nos dais credito, eis-aqui estão estas provas irrefragaveis: é uma carta do seu agente, daquelle que qual outro Judas, deve vender-vos.

Elrei leu, e fez-se pallido, porque reconheceu a letra de Claudio Fayolle. O desleal annunciava nesta carta a Luiz XI que tudo estava prompto para a execução do seu infame plano, e recordava ao mo-

narcha francez porque preço commettia acção tão execranda! Lembrai-vos de que jurastes pelas reliquias de S. Ló, que me farieis vice-rei de Provença.

Uma lagrima regou as faces venerandas de Renato, que se lançou nos braços dos fieis servos, aos quaes por um momento preferira o preverso Claudio. Mandou depois chamar este ultimo.

« É possível que tão horrivel coisa seja a ambição? lhe perguntou elle... Tirei-te do nada para encher-te de honras, e tu attentas contra o teu bemfeitor, e chegas a ponto de querer roubar-lhe a corôa. »

Mereces a morte, porém eu te perdôo. Uma escolta segura te conduzirá para França, e te entregará áquelle que é rei, e não se envergonha de empregar traidores.

Oxalá que o teu exemplo ensine quanto é perigoso o não saber domar os desejos, e resistir á ambição.

Porque, diz João Binée, que fôra mercador de pannos, — a ambição é semelhante a uma nodoa de azeite caída n'um panno, que não sendo ao principio mais do que um pontinho, alastra, alastra, e tanto cresce, que por fim estraga a peça inteira.

QUADROS DA HISTORIA PORTUGUEZA.

III

BATALHA DE ALCACERQUIBIR

(1578).

A DEXTRA de Deus tinha escripto no livro da Providencia o dia em que para Portugal devia acabar a gloria de séculos e toda a casta de prosperidades. — O moço rei D. Sebastião vellejava com uma numerosa armada, de oitocentas embarcações, para a conquista de Africa. Os velhos cavalleiros da India, a nobreza, e a flor da mocidade portugueza, soldados de varias nações, o acompanhavam nesta arriscada e temeraria empreza.

Certa porção da frota se reunira em Cadiz, e dalli partiu para Tangere: mas foi em Arzilla que se ajuntaram todas as embarcações, e que desembarcou o exercito. Composto este em parte de gente mercenaria estrangeira, parte de soldados bizonhos, alistados á força, levava em si todos os elementos da propria destruição.

Molei-Moluco reinava em Berberia; homem de engenho e esforço mui superiores ao do commum dos mouros. As dissensões civis o tinham arrojado de sua patria, e uma grande parte da vida gastou-a no serviço do imperio turco. Dotado da variadissima instrucção, conhecedor da policia e artes da Europa, militar experimentado em muitos combates navaes e terrestres, havia estabelecido solidamente o seu dominio em Berberia, e ao exercito heterogeneo e desordenado dos christãos tinha para oppôr soldados velhos, habituados á guerra e á disciplina, e capitães quasi todos companheiros de suas victorias, e enancicados nos cargos da milicia, e no meio do tumulto dos campos.

O xarife Mulei-Hamet, filho de Abdalla, tinha succedido ao pai no imperio de Marrocos. O seu nascimento illegitimo deu pretexto a Mulei-Moluco, irmão de Abdalla, para lhe fazer guerra e derrubá-lo do throno. O talento militar deste, e a ajuda do rei de Argel, vassallo do turco, o fizeram sair com seu intento. Longas guerras civis se originaram daqui; porém o xarife, vencido em todos os recontros, se viu obrigado a buscar o amparo e soccorro dos portuguezes.

Tanto que o exercito christão desembarcou em Arzilla, Mulei-Hamet, que se havia acolhido a Tange-

re, veio unir-se a elle com todos os alcaides e mais mouros que eram seus parciaes, e que o seguiram em sua desgraça. Ensinado pela experiencia sobre o modo de fazer a guerra naquellas partes de Africa, e pela adversidade a respeitar a pericia militar do Moluco, em todos os conselhos que elrei fez ácerca da maneira porque se havia de começar a campanha, o seu parecer era sempre cauteloso, e o mais acertado; mas os capitães de D. Sebastião, ou comprados por Philippe 2.^o, ou orgulhosos de sua habilidade, desprezaram constantemente os votos prudentes do xarife, o que talvez contribuiu mais que tudo para o triste resultado daquella memoravel expedição.

O intento d'elrei ácerca do começo da guerra era tomar Larache: este parecer fôra approved em Tangere; mas decidiu-se de todo em Arzilla. Dois meios havia em seguir esta empreza: ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exercito por terra e sitiá aquella cidade. A pessima entrada do porto de Larache dificultava o desembarque e os combates maritimos: o haver de marchar em um paiz inimigo, occupado por gente bellicosa era consideração muito grave para de leve commetter a arriscada marcha pelo interior do sertão; porém a opinião dos que se inclinavam a esta parte prevaleceu no conselho.

Larache era então logar pequeno e pobre. A sua situação é na costa do Oceano á foz do rio Lucus, que passa por Alcacerquibir. Fica-lhe ao oriente, Arzilla, antigamente praça nossa. O porto é espaçoso; a maré sobe até quatro legoas pelo interior, e ahí se divide o rio em dois braços, um que vai para Alcacer, e outro que se interna nos campos á maneira de esteiro. Para este lado é chão o paiz, posto que para a banda de Larache seja o terreno montuoso. A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro; pelo que tem sido sempre couto dos corsarios de Berberia. Do outro lado da povoação corre o pequeno rio Huadmachacim ou Mohacadi, que vem desaguar no Lucus.

Assentado no conselho o commetter Larache por terra, o exercito marchou de Arzilla, levando mantimentos para cinco dias, em quanto a frota se ia collocar na boca do rio, a que deu nome aquella povoação. Seis dias gastou o exercito em chegar ás ribeiras do Huadmachacim, e só então os generaes souberam que Moluco vinha tambem chegando ás margens do Lucus, com grande poder de pé e de cavallo. Apesar da innumeravel multidão de soldados que tinham, os mouros temiam os portuguezes, cujo valor já por elles experimentado, ganhava maior força com a presença de seu rei. O habil Mulei-Moluco chegou a lançar Larache em conta de perdido; mas a Providencia tinha determinado sepultar toda a gloria de Portugal nos campos de Alcacerquibir.

Sabida a aproximação do exercito mourisco, fizeram conselho os capitães da gente christã. Ahí se deram encontrados pareceres; depois de largos debates assentou-se sobreestar na facção de Larache, por perigosa, ou antes por impossivel, e dar batalha ao Moluco. Marcharam pois os exercitos um para o outro, atravessando os Christãos o Huadmachacim, e os Mouros o Lucus. Eram quatro de Agosto, quando se encontraram: na força do dia se decidiu D. Sebastião a pelejar; uns dizem que por suggestões do capitão castelhano Aldana, outros que contra o voto d'elle. Ao principio levaram os Portuguezes conhecida vantagem: a cavallaria christã rompeu e desbaratou a vanguarda dos mouros; mas teve que ceder ao numero. Apesar do valor da infantaria allemã e italiana, a portugueza, composta pela maior parte de soldados bizonhos, pelejava frouxamente. A mosquetaria inimiga fazia terrivel estrago nas fileiras do nosso exercito; e

a perda da batalha tornava-se inevitável. Os mouros percebendo a desordem do campo christão, repetiram as cargas, e brevemente o combate se converteu em ampla carnificina.

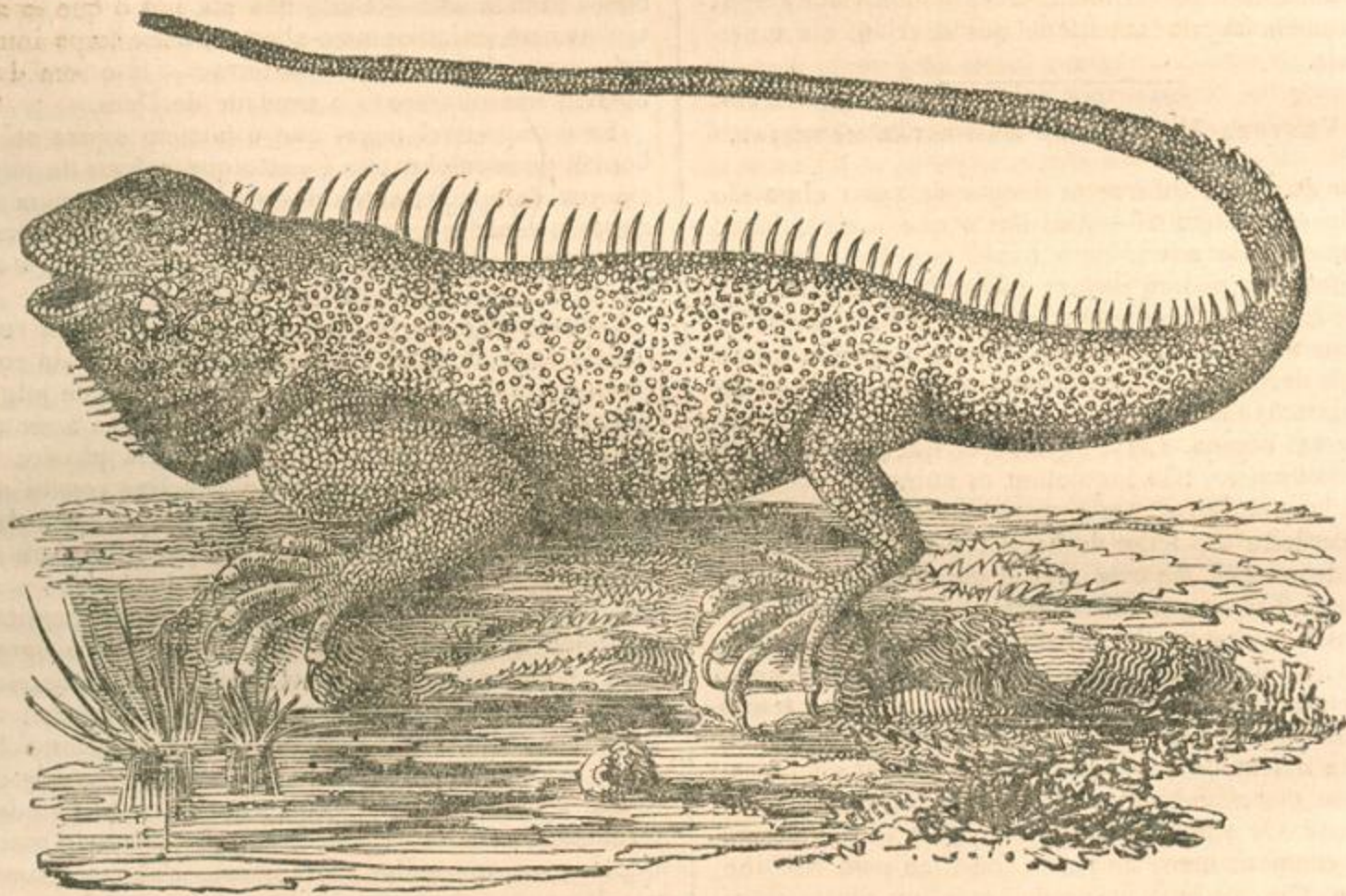
Molei-Moluco no começo da peleja, vendo que os seus iam de vencida, procurou lançar-se no meio da revolta com a espada na mão. Doente havia muito tempo, e quasi moribundo então, este ultimo esforço lhe poz termo á vida; mas os seus capitães souberam conservar escondida, até o fim da batalha, a noticia da sua morte.

D. Sebastião era um louco, porém valoroso e de nobre animo; a educação que lhe dera o manhoso jesuita Luiz Gonçalves da Camara lhe enlodára o espirito em fanatismo e em orgulho, vicios sempre companheiros, mas a generosidade natural lhe transparecia através dos defeitos emprestados. Foi desde que a batalha se começou a perder que este mancebo mostrou para quanto seria, se nos primeiros annos o houveram melhor guiado. — Já não se tractava senão de morrer com gloria: elrei se arrojava como um leão, onde quer que a revolta era mais cerrada e o combate mais acceso; e de roda d'elle brevemente abria a sua espada larga clareira no meio daquella selva de armas. Encontrando o alferes Luiz de Brito, que já trazia a bandeira real, sem hastea, enrolada debaixo do braço, perguntou-lhe D. Sebastião: «Trazeis o estandarte?» — Luiz de Brito lhe disse que sim: então elrei lhe tornou: «Abraçai-vos com elle, e morramos sobre elle!» — Baldadas foram todas as reflexões que

lhe fizeram para que se deixasse captivar: — estava decidido a morrer, e foram vão todos os esforços que fizeram para o salvar aquelles que o seguiam. Dizem que houve quem o visse nas ultimas do conflicto ir-se desviando do campo, sem que os mouros o seguissem: por outro lado muitos fidalgos prisioneiros chamados pelos Mouros para verificar se era o cadaver de D. Sebastião um que diziam se-lo, asseveraram que por tal o reconheciam; mas não era assaz difficil de conhecer um cadaver cuberto de feridas (das quaes cinco eram na cabeça) depois de algum tempo? — Não podiam estes fidalgos ter dicto isto com o intento de facilitar mais a salvação d'elrei? — Seja o que fôr, hoje é um mysterio o modo porque D. Sebastião acabou, e provavelmente se-lo-ha para sempre.

O xarife desenthronizado fizera com os Mouros de seu bando prodigios de valor; mas a má estrella dos Portuguezes o envolveu na desgraça commum. Vendo roto o campo christão procurou salvar a vida com a fugida. Escapando aos que o perseguiam foi morrer afogado, tentando vadear o Lucus. Alguns dos que o acompanhavam puderam ainda refugiar-se nas praças portuguezas fronteiras.

Nesta batalha se perdeu a flor dos antigos cavalleiros da India e da nobreza de Portugal. Uns pereceram na batalha; outros jazeram por largo tempo em penoso captiveiro; para os tirar do qual as riquezas do thesouro e dos particulares se esgotaram. Um dia e uma batalha acabou assim com a gloria e a felicidade de um povo, que fôra tão afamado e temido.



IGUANA.

O SENEMBI, OU IGUANA DO BRAZIL.

(Lacerta iguana. LIN.)

NEM a tribu dos lagartos escapou á voracidade do homem: lá foi desencantar em o Novo-Mundo uma especie para guizar, e comer. O iguana é um daquelles animaes pacificos, que não merecem se lhes faça guerra: mas os glotões o provaram, e lhe acharam carne boa, e gostosa, e tanto bastou para uma continua perseguição. Augmentou-se por tanto a arte do

caçador com mais um ramo, emmesfraram-se cães para ella, e estudaram-se os habitos do animal, a fim de melhor o poderem apprehender. Na America a caça dos iguanas é uma certa arte, que vai sendo aperfeiçoada, e uma profissão lucrativa para quem a exercita com pericia. O caso é apanha-los vivos, para os transportar para onde tiverem melhor venda. Se os podem colher sem que seja a tiro, depois cravando-lhe um bico pelas ventas até ao cerebro, os matam promptamente. A guerra que lhes tem feito é realmente uma guerra d'exterminio; quasi inteiramente

se lhes acabou a casta em ilhas onde d'antós abundava; e só se conserva nas vastissimas florestas do Continente. Como não faz mal, nem é muito desconfiado, cai facilmente nos laços. Domestica-se com facilidade, ainda que já esteja crescido.

Este lagarto é grande: alguns ha de nove a dez palmos de comprimento, sendo a cauda mais de metade; tem cinco dedos nos pés, e nas mãos; é coberto de escamas pequenas, e tem ao longo de todo o corpo, até a ponta do rabo, uma crista formada de bicos separados, e levantados verticalmente, por baixo da garganta pendem-lhe um grande sacco, ou papreira. A estampa que mostra fielmente todos estes caracteres, nos dispensa de mais miúda descripção.

Ainda que o iguana tenha consideravel peso, como póde ajuizar-se por suas dimensões, trepa com maravilhosa presteza, caça insectos, de que se nutre, bem como de folhas e fructas, e de quando em quando desce das arvores para procurar na terra vermes, caracões, &c. Posto que tem as queixadas guarnecidas de dentes agudos, engole tudo sem mastigar. Excepto na grandeza, e fórma, semelha muito em habitos, e agillidade aos de seu genero, que temos na Europa.

Ha nesta especie a singularidade de ser a fema maior que o macho. Poem os ovos em cima d'areia, em numero de quinze a trinta; e basta para os tirar o calor do sol. Os ovos são pouco mais ou menos do tamanho dos de pomba.

Finalmente não admira que no Brazil se comam destes lagartos, cuja carne dizem excellente, quando nós conhecemos pessoalmente trabalhadores do campo, que comem regaladamente os que se criam em o nosso paiz.

DA VENTURA MORAL E DO BEM-ESTAR MATERIAL.

QUEM duvidará de que os desejos da nossa alma são insaciáveis e eternos? — Dai-lhe o que mais cubiça: — cubiçará de novo: nem o universo lhe basta. Só no infinito se poderá saciar: appraz-lhe o embrenhar-se por calculos, o enxergar as coisas minutissimas, o abarcar as maiores. Por fim, repleta, não farta, de quanto devorou, atira-se ao seio de Deus, onde se accumulam as idéas do infinito em perfeição, em tempo, e em espaço. Essas esperanças que pullulam do coração humano não inquietam os animaes, que facil e rapidamente alcançam a suprema felicidade. Farta-se o cordeiro em feixe de herva; o tigre sacia-se em jorro de sangue. Se com alguns philosophos houveramos de affirmar que unicamente a disparidade dos órgãos nos extrema dos brutos, dever-se-ia, quando muito, admittir tal pensar só pelo que toca aos actos restrictamente materiaes. Mas fóra dahi, que tem o pensamento com a dextra, quando no repouso da noite, me arremeço ao espaço, para ir lá dar com o architecto dos mundos? — Porque não faz o boi o que eu faço? Os olhos lhe bastam; que se tivesse braços e pés como os meus de pouco prestimo para isso lhe seriam. Que se deite no prado; erga aos ceos a fronte, e chame com seu mugido o Ente desconhecido que enche essas immensidades. Certo que não o fará. Preferindo a relva que piza, não interroga nas alturas do firmamento esses astros, que mais que tudo nos fazem evidente a existencia de um Deus; e descuidado do spectaculo da natureza, nem sequer desconfia que elle proprio foi lançado debaixo da arvore, ao pé da qual repousa, como uma breve prova da intelligencia suprema.

É, por tanto, o homem a unica creatura que busca fóra de si alguma coisa, e que de si não faz todo o seu cabedal. Ha quem diga que o povo não tem esses cuidados; porque dos desejos o afasta o trabalho, e no

suor se lhe extingue a ancia da felicidade. Mas quando o vemos ralar-se durante seis dias para comprar algum gozo no septimo; quando, esperançado sempre em alcançar repouso, sem vir a cabo disso, a morte o colhe ainda desejoso, diremos que não quinhoa o calado desejo de um desconhecido bem-estar, a que aspiram todos os homens? — Nem nos venham com dizer que esse desejo está cifrado para elle no das coisas terrenas: é esta opinião mais que duvidosa: dai ao homem pobrissimo os thesouros de todo o mundo, tirai-lhe o trabalho: suppri-lhe as precisões, poucos mezes serão passados, ei-lo outra vez envolto em tedio e em esperanças. Mas, em verdade, é acaso coisa averiguada que na sua miseria não sinta o povo aquella sede de ventura, que transpõe os termos da vida? De que nasce certo instincto melancolico vulgar na gente do campo? Muitas vezes ao domingo e diasanto, quando a aldêa em peso foi orar ao segador que separa o bom grão do joio, havemos visto um ou outro camponez sózinho á porta da choupana; e elle escutava o som do sino com ar pensativo: e nem o distrahiam os pardaes chirlando na eira proxima, nem os insectos que de redor delle zumbiam. Esse nobre vulto humano, pousado como a estatua de um nume no limiar da choupana; essa fronte, sublime, posto que tórva de scismar; esses hombros sombreados por negras guedelhas, e que pareciam erguer-se como para suster o ceu, bem que acurvados debaixo da carga da vida; esse ente, em fim, tão magestoso, dado que miseravel, em nada pensava, ou cogitava só de coisas mundanas? — Certo não era isso o que se advinhava nesses labios meio-abertos, nesse corpo immovel, nesse olhar cravado em terra: — lá o som do sino religioso estampava a saudade de Deus.

Se é impossivel negar que o homem espera até as bordas do sepulchro; se é certo que os bens da terra, em vez de nos fartar os desejos, só servem para nos gastar o espirito e augmentar-lhe o fastio; dahi podemos argumentar que além do tempo existe seja o que fór.

Outra prova da immortalidade da alma, a consciencia a dá. Todo o homem tem no fundo do coração um tribunal, onde elle proprio começa de julgar-se em quanto o soberano juiz não confirma a sentença. Se o vicio é apenas a consequencia physica da nossa organização, donde virão aquelles receios que turvam os dias do culpado em meio das prosperidades? Porque será o remorso tão terrivel que antepomos sujeitar-nos á pobreza e a todo o peso da virtude, a alcançar uma abastança mal adquirida? Porque gritará o sangue, e clamará o rochedo? Despedaça o tigre a prêa, e adormece: o homem converte-se em assassino, e véla: busca os ermos; e a solidão o aterra: vaguea ao redor dos sepulchros; e os sepulchros lhe criam pavor: olha a furto e espantado; e na sala dos banquetes não ousa erguer a vista para as parêdes, receando ler nellas alguma inscripção funesta. Os sentidos parece que se lhe apuram para o atormentarem: na alta noite vê clarões terrificos, o cheiro da carniça o cerca em toda a parte, acha sabor de peçonha até nas iguarias que guiza por suas mãos, os ouvidos, que lhe ganham desmedida agudeza, acham rumor onde toda a gente acha silencio, e debaixo dos vestidos do amigo, ao abraça-lo, cuida prescutir um punhal escondido.

Oh consciencia! — Seria por ventura apenas um fantasma da imaginação, ou o temor dos castigos sociaes? — A mim mesmo faço esta pergunta: «Se tu podesses, á vontade de um só desejo, acabar com um homem da China e herdar na Europa todos os seus bens, com a condição sobrenatural de nunca ninguem o saber, acaso consentirias em ter tal desejo?» Em-

bora comigo exagere a minha indigencia; embora queira desculpar este homicidio, suppondo que por virtude de tal desejo o Chim morre subitamente e sem dôr, que não tem herdeiros, e que por sua morte o estado se apossará da sua fazenda: embora esse estranho se me affigure ralado de enfermidades e pezares; embora me persuada que a morte é para elle um bem, que elle a chama, e até que é um instante o que lhe resta de vida: apesar dos meus vãos subterfugios, ouço no centro da alma uma voz que tão alto clama contra tal presupposto, que nem por um momento posso duvidar da realidade da consciencia.

Tristissima cousa, por tanto, é ser um homem obrigado a negar o remorso, para negar a immortalidade da alma, e a existencia de um Deus vingador. Não ignoramos, com tudo, que os atheus, se os apertam muito, se poem a salvo com esta vergonhosa negativa. O falso sabio, no paroxismo da gôttia clamava: «Oh dôr, nunca jámais confessarei que és ruim!» E quando houvessem ahi homens tão mesquinhos, que podessem sopitar o grito do remordimento, que provaria isso? — Não julgemos o que tem os membros desembaraçados pela mesma bitola por onde medimos o paralytico, privado do uso dos seus: no summo gráu, o crime é uma casta de peçonha, que queima e gasta a consciencia; derrubando a religião, destroe-se o unico remedio que pôde restaurar a sensibilidade no coração meio morto. A admiravel religião do erucificado é como um supplemento do que faltava aos homens. Se por excessos, por demasiada prosperidade, ou por aspreza de genio nos tornamos criminosos, ella ahi está para nos advertir da inconstancia da fortuna, e do perigo das paixões destregadas. Se, pelo contrario, nos expomos a se-lo, por indigencia, ou por tibieza de espirito, ella nos ensina a menoscabar as riquezas, accendendo o fervor em nossa alma, creando, de algum modo, paixões. Para com o criminoso, principalmente, a sua caridade é inexgotavel, homem poluido não o ha cujo arrependimento elle não admitta, nem leproso tão nojento que não toque com as puras mãos. Para o passado só pede um remorso; para o futuro uma só virtude: sempre a ponto de advertir o peccador, o Filho de Deus estabeleceu a sua religião, como uma segunda consciencia para o culpado, que teve a desdita de perder a consciencia natural; consciencia evangelica, rica de piedade e doçura.

Depois de haver fallado do remorso que vem apoz do crime, seria baldado o fallar da satisfação que é companheira da virtude. O contentamento interior, que sentimos quando fazemos boas obras, vem a ser tanto uma combinação da materia, como o flagello da consciencia, quando commettemos uma acção damnada, é temor das leis sociaes.

Se os sophistas affirmam que a virtude nada mais é do que amor proprio disfarçado, e a piedade amor de si, não vamos nós perguntar-lhes se nunca sentiram commoverem-se-lhes as entranhas ao socorrerem e alliviarem qualquer desgraçado, nem se o receio de voltarem á infancia é quem os faz compadecerem-se da innocencia das creanças. São para os homens a virtude e as lagrimas a fonte da esperanza e o alicerce da fé: mas como crerá em Deus quem não crê na realidade da virtude, nem na verdade das lagrimas?

Iriamos talvez affrontar o bom juizo dos leitores, gastando palavras em mostrar que a immortalidade da alma, e a existencia de Deus se provam por essa voz que escutamos no íntimo da consciencia: «Ha no homem, diz Cicero, uma potencia que o impelle para o bem, e o desvia do mal, a qual não só é anterior ao nascimento dos povos e das cidades, mas tão antiga como o Deus que conserva e governa o ceu e a

terra; porque a razão é um attributo essencial da intelligencia divina; e esta razão, que existe em Deus, discrimina necessariamente o que é vicio do que é virtude.»

A moral é o fundamento da sociedade; mas se tudo em nós é materia, não existe realmente nem o vicio, nem a virtude, e por consequencia, nem moral. As leis civis, relativas e mudaveis sempre, não podem servir de elo e sustentaculo da moral, que é absoluta e inalteravel: cumpre, por tanto, que o manancial della se encontre em um mundo mais estavel do que o nosso, e que não sejam nem recompensas precarias, nem castigos transitorios os principaes fiadores do procedimento virtuoso.

Philophos houveram que se persuadiram terem sido inventadas as religiões para esteiar a moral; a estes não occorreu que punham a causa em conta de effeito. Não brota a religião da moral; a moral é que nasce da religião, sendo certo, como já dissemos, que, se do espirito se varre a lembrança de Deus, os homens se precipitam em toda a casta de crimes, sem embargo das leis e dos algozes.

O CANTO DO COSSACO:

POR BERANGER.

VEM meu ginete: — oh vem meu nobre amigo!
Chama-te em altos sons tuba do norte:
Prestes no saque, intrepido nas brigas,
Dá, guiado por mim, azas á morte.

Os teus jaezes não arrêa o ouro;
Mas de meus feitos o terás em paga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Tuas redeas me entrega a paz que foge:
Ei-los por terra os europeus baluartes!
Meus aureos sonhos realiza agora;
Terás repouso na mansão das artes.

Volve a terceira vez ao Sena inquieto,
Que te lavou sanguento, e a sede apaga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Reis, sacerdotes, grandes nos clamaram,
Entre o choro de miseros humanos:
«Cossacos, vinde ser de nós senhores! —
«Servos seremos, por ficar tyrannos.

E a cruz e o sceptro quebrarão meus fortes:
Que eu hei tomado minha lança e adaga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De um enorme gigante eu vi o espectro
Nosso campo correr co'a vista ardente;
E, gritando: — «meu reino outra vez surge!»
Mostrar com a hacha d'armas o occidente.

A sombra era immortal do rei dos Hunos,
D'Attila a voz, qual maldição aziaga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De que serve seu brilho á velha Europa?
Que lhe presta o saber para salvar-se?
Os turbilhões de pó, que hão-de sumi-la,
Debaixo de teus pés vão levantar-se.

Templos, palacios, leis, memorias, usos,
Na correria extrema, e piza e estraga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

HORTAS FLUCTUANTES EM CACHEMIRA.

A CIDADE de Cachemira, capital da provincia do seu nome na Asia, é situada em meio de numerosos lagos, que, uns com os outros, e com o rio Vedusta, communicam, por via de canaes, separados por faxas estreitas de terreno enxuto, e campos insulados. Sobre os lagos ha jardins, ou hortas fluctuantes, separadas geralmente do volume das aguas com cercados de cannas: a sua cultivacão não só é muito singular, mas de grande proveito, e digna de imitacão naquellas partes da Europa, que semelhem áquelle paiz. O 2.º N.º do *Journal of Geographical Society* encerra uma noticia das producções naturaes, e da agricultura de Cachemira, que em substancia diz assim.

— A cidade de Cachemira é sujeita a consideraveis inundações, que são cada anno mais frequentes, pela negligencia do governo em não obstar á accumulacão dos limos e do lodo, que diminuem a profundidade, e por consequencia dilatam a superficie dos lagos. Isto suggeriu para o caso das campinas alagadas o expediente de um subsidio fluctuante, onde os vegetaes fossem em segurança cultivados. Diversidade de plantas aquaticas brotam do fundo dos lagos, como lirios das lagoas, juncos, cannas, &c.; e como os botes, que atravessam estas aguas seguem geralmente as linhas mais curtas para os seus destinos, os lagos em muitas partes estão cortados de umas como avenidas, separadas por bancadas, ou muros de juncos, e de canaveaes. Ahi os cultores para disporem os pepinos, e melões fluctuantes, cortam as raizes das plantas aquaticas, que vegetam muito enlaçadas, tres palmos abaixo d'agua, de modo que perdem completamente toda a connexão com o fundo, mas conservam a sua situacão, respectivamente unhas ás outras. Depois d'assim desapegadas as unem mais, e formam talhões de oito palmos de largo. Cortam as plantas rente, e alli mesmo ficam os troços, e cobrem tudo por cima com uma delgada camada de lodo, que pouco a pouco se vai embebendo nesses troços cortados e enlaçados. O talhão fluctua, mas póde erguer-se, ou abaixar-se, conforme a agua cresce, ou baixa, e segura-se com estacas de salgueiro. Apanham bastantes plantas das que mencionamos, e as collocam nos talhões amassando-as em montes de fórma conica, com um vão no topo que encham de lodo fresco, e de cinza de madeiros. Nestes vãos dispoem melões, pepinos, &c.; tres plantas em cada um. Nenhum cuidado é preciso senão ir colher o fructo, e a despeza prévia é uma bagatella.

M. Moorcroft, que atravessou o espaço de mais de cincoenta geiras de terreno, tudo cheio destas hortas fluctuantes, diz que na Europa nunca viu meloes tão bem creados, nem tão viçosos, não havendo em tanta extensão meia duzia de plantas definhadas. A estacão desta cultivacão dura tres mezes e meio, começando em Junho. Cada monte com os seus tres pés dá noventa a cem melões bem creados; e sendo de pepinos, abundancia extraordinaria. A semente dos melões vem annualmente do Ballistan, porque no primeiro anno dá fructos de quatro a dez libras de peso, mas a segunda semente, tirada destes, não os dá de mais de duas ou tres libras.

Alli gente, e cavalgaduras, tudo no tempo quasi se sustenta de melões, porque não fazem prejuizo á saude. É notavel que não cultivam por esta fórma senão as duas especies, que mencionamos, ainda que M. Moorcroft está persuadido que as cebolas, os agriões, os mastrucos, e outros vegetaes uteis, alli produziriam da mesma maneira.

Cachemira é uma das provincias septentrionaes da India áquem do Ganges. É cercada de montanhas, e

por sua belleza, e fertilidade, chamada o paraizo da India: é abundante de gados, e de caça, e diz-se não ser infestada de animaes de prea, ou de outras feras. Comprehende mais de 100:000 aldeias. Os habitantes são engenhosos, e parecem-se em suas pessoas com os Europeus: as mulheres são altas, bem feitas, e formosas. Os chales chamados de Cachemira derivam seu nome deste paiz, posto que actualmente poucos de lá venham.

Combate de formigas. — Um naturalista descreve assim uma batalha, que presenciára, dada por formigas de duas especies diferentes. Marchando na melhor ordem se foram aproximando os dois exercitos de insectos. D'uma parte estavam as *formica rufa* formando uma só linha de dez a doze pés de comprimento, flanqueada por diversos corpos, dispostos em quadrados, e compostos de vinte a sessenta combatentes.

D'outra parte uma especie mais pequena, as *fofusca* apresentava uma linha muito mais extensa, posto que nella estivessem dois ou tres combatentes de fundo. As *fofusca* deixaram destacamentos de guarda ás suas collinas ou formigueiros, para defende-los contra algum ataque imprevisto. Um corpo cerrado de muitos centenares de combatentes guarnecia a direita da linha; outro corpo semelhante de mais de mil guarnecia a ala esquerda.

Estes dois corpos lateraes não tomaram parte alguma no combate; mas o da ala esquerda executando certa manobra tendente a envolver o exercito inimigo, avançou rapidamente ao formigueiro das *formica rufa*, e tomou-o de assalto.

Investiram-se os dois exercitos com furor, e muito tempo pelearam em boa ordem; mas por fim introduziu-se a desordem em diferentes pontos, e continuou a batalha entre grupos separados, até que, depois de um encarniçado e sanguinolento combate, que durou quatro horas, foram as *formica rufa* obrigadas a fugir.

A scena mais interessante desta batalha singular, era ver estes insectos aprisionarem-se reciprocamente, e levarem ás costas os seus feridos, mostrando tanto zelo pela conservacão destes, que as *formica rufa* preferiam o deixar-se matar sem resistencia pelos seus inimigos, ao abandonarem as cargas.

Quando os inimigos tomam algum formigueiro, são os vencidos reduzidos á escravidão, e empregados, no interior d'elle, em trabalhos domesticos.

Destruição das toupeiras. — Nozes meias abertas á faca. — Fervam-se n'uma dissoluçãõ e sabão branco, ou n'uma lixivia fraca de cinzas de madeira, e de sabão negro. Tire-se do lume, e empregue-se. As toupeiras são muito gulosas deste guisado que as envenena immediatamente. Devem-se metter muitos pedaços de noz em cada asylo das toupeiras.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrirem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.